

Diferentes funções da arte e sua produção

E U
P A S-
S O

T U
P A S-
S A S

E L E
R A-
L A

Spoiler da aula



Leitura

Texto 1

Nova Poética

Vou lançar a teoria do poeta sórdido.

Poeta sórdido:

Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.

Vai um sujeito,

Saí um sujeito de casa com a roupa de brim branco muito bem engomada, e na primeira esquina passa um caminhão, salpica-lhe o paletó ou a calça de uma nódoa de lama:

É a vida

O poema deve ser como a nódoa no brim:

Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.

Sei que a poesia é também orvalho.

Mas este fica para as menininhas, as estrelas alfas, as virgens cem por cento e as amadas que envelheceram sem maldade.

Manuel Bandeira

Texto 2

Impressionavam-me os pés dos trabalhadores das fazendas de café. Pés disformes. Pés que podem contar uma história. Confundiam-se com as pedras e os espinhos. Pés sofridos com muitos e muitos quilômetros de marcha. Pés que só os santos têm. Sobre a terra, difícil era distingui-los. Os pés e a terra tinham a mesma moldagem variada. Raros tinham dez dedos, pelo menos dez unhas. Pés que inspiravam piedade e respeito. Agarrados ao solo eram como os alicerces, muitas vezes suportavam apenas um corpo franzino e doente. Pés cheios de nós que expressavam alguma coisa de força, terríveis e pacientes.

(PORTINARI, Candido)

Texto 3

Fora da Hungria não há vida, diz o provérbio, e por tomá-lo ao pé da letras, Kriska nunca se interessou por saber quem tinha sido eu, o que fazia, de onde vinha. Uma cidade chamada Rio

de Janeiro, seus túneis, viadutos, barracos de papelão, as caras de seus habitantes, a língua ali falada, os urubus e as asas-delta, as cores dos vestidos e a maresia, para ela tudo isso era coisa nenhuma, era matéria dos meus sonhos. No meio de uma aula podia me acontecer de pensar no Pão de Açúcar, digamos, ou num menino careca fumando maconha, ou na Vanda chegando de viagem, a Vanda perguntando por mim, a Vanda enrolada numa toalha branca, mas se Kriska me surpreendesse desatento, batia palmas e dizia: à realidade, Kósta, volta à realidade. E nossa realidade, além das aulas cotidianas, era a Budapeste dos fins de semana alternados em que Pisti ficava a cargo do pai. [...] Realidade eram os passeios na ilha de Marguite com suas atrações domingueiras, os aqualoucos do Danúbio, as corridas de carneiros, as marionetes eslovenas, o coral de ventríloquos. Realidade eram as tertúlias no Clube das Belas-Letras, o dancing giratório no alto da torre de Átila, os fins de noite em Óbuda, a velha Buda, os restaurantes de palha onde comíamos pizza crua. E a garrafa de vinho Tokaj que levávamos para beber no seu divã, ouvindo operetas húngaras. E a balada lancinante da filha do Barba-Azul que ela me ensinou, e que eu cantava a capella com impostação de barítono húngaro, levando-a às lágrimas. [...]"

(BUARQUE, Chico. *Budapeste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

Texto 4

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

(Gonçalves Dias)

Texto 5

Descobrimento

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De supetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.
Não vê que me lembrei que lá no Norte, meu Deus!
muito longe de mim
Na escuridão ativa da noite que caiu
Um homem pálido magro de cabelo escorrendo nos olhos,
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.
Esse homem é brasileiro que nem eu.

Mário de Andrade

Texto 6

Era uma vez uma choupana que ardia na estrada; a dona, — um triste molambo de mulher, — chorava o seu desastre, a poucos passos, sentada no chão. Senão quando, indo a passar um homem ébrio, viu o incêndio, viu a mulher, perguntou-lhe se a casa era dela.

— É minha, sim, meu senhor; é tudo o que eu possuía neste mundo.

— Dá-me então licença que acenda ali o meu charuto?

O padre que me contou isto certamente emendou o texto original; não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias. Bom padre Chagas! [...]

(ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Quincas Borba. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.)

Texto 7

O arquivo

No fim de um ano de trabalho, João obteve uma redução de quinze por cento em seus vencimentos.

João era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se mostrou orgulhoso, embora tenha sido um dos poucos contemplados. Afinal, esforçara-se. Não tivera uma só falta ou atraso. Limitou-se a sorrir, a agradecer ao chefe.

No dia seguinte, mudou-se para um quarto mais distante do centro da cidade. Com o salário reduzido, podia pagar um aluguel menor.

Passou a tomar duas conduções para chegar ao trabalho. No entanto, estava satisfeito. Acordava mais cedo, e isto parecia aumentar-lhe a disposição.

Dois anos mais tarde, veio outra recompensa.

O chefe chamou-o e lhe comunicou o segundo corte salarial.

Desta vez, a empresa atravessava um período excelente. A redução foi um pouco maior: dezessete por cento.

Novos sorrisos, novos agradecimentos, nova mudança.

Agora João acordava às cinco da manhã. Esperava três conduções. Em compensação, comia menos. Ficou mais esbelto. Sua pele tornou-se menos rosada. O contentamento aumentou. Prosseguiu a luta.

Porém, nos quatro anos seguintes, nada de extraordinário aconteceu.

João preocupava-se. Perdia o sono, envenenado em intrigas de colegas invejosos. Odiava-os. Torturava-se com a incompreensão do chefe. Mas não desistia. Passou a trabalhar mais duas horas diárias.

Uma tarde, quase ao fim do expediente, foi chamado ao escritório principal.

Respirou descompassado.

— Seu João. Nossa firma tem uma grande dívida com o senhor.

João baixou a cabeça em sinal de modéstia.

— Sabemos de todos os seus esforços. É nosso desejo dar-lhe uma prova substancial de nosso reconhecimento.

O coração parava.

— Além de uma redução de dezesseis por cento em seu ordenado, resolvemos, na reunião de ontem, rebaixá-lo de posto.

A revelação deslumbrou-o. Todos sorriam.

— De hoje em diante, o senhor passará a auxiliar de contabilidade, com menos cinco dias de férias. Contente?

Radiante, João gaguejou alguma coisa ininteligível, cumprimentou a diretoria, voltou ao trabalho.

Nesta noite, João não pensou em nada. Dormiu pacífico, no silêncio do subúrbio.

Mais uma vez, mudou-se. Finalmente, deixara de jantar. O almoço reduzira-se a um sanduíche. Emagrecia, sentia-se mais leve, mais ágil. Não havia necessidade de muita roupa. Eliminara certas despesas inúteis, lavadeira, pensão.

Chegava em casa às onze da noite, levantava-se às três da madrugada. Esfarelava-se num trem e dois ônibus para garantir meia hora de antecedência. A vida foi passando, com novos prêmios.

Aos sessenta anos, o ordenado equivalia a dois por cento do inicial. O organismo acomodara-se à fome. Uma vez ou outra, saboreava alguma raiz das estradas. Dormia apenas quinze minutos. Não tinha mais problemas de moradia ou vestimenta. Vivia nos campos, entre árvores refrescantes, cobria-se com os farrapos de um lençol adquirido há muito tempo.

O corpo era um monte de rugas sorridentes.

Todos os dias, um caminhão anônimo transportava-o ao trabalho. Quando completou quarenta anos de serviço, foi convocado pela chefia:

— Seu João. O senhor acaba de ter seu salário eliminado. Não haverá mais férias. E sua função, a partir de amanhã, será a de limpador de nossos sanitários.

O crânio seco comprimiu-se. Do olho amarelado, escorreu um líquido tênue. A boca tremeu, mas nada disse. Sentia-se cansado. Enfim, atingira todos os objetivos. Tentou sorrir:

— Agradeço tudo que fizeram em meu benefício. Mas desejo requerer minha aposentadoria.

O chefe não compreendeu:

— Mas seu João, logo agora que o senhor está desassalariado? Por quê? Dentro de alguns meses terá de pagar a taxa inicial para permanecer em nosso quadro. Desprezar tudo isto? Quarenta anos de convívio? O senhor ainda está forte. Que acha?

A emoção impediu qualquer resposta.

João afastou-se. O lábio murcho se estendeu. A pele enrijeceu, ficou lisa. A estatura regrediu. A cabeça se fundiu ao corpo. As formas desumanizaram-se, planas, compactas. Nos lados, havia duas arestas. Tornou-se cinzento.

João transformou-se num arquivo de metal.

Victor Giudice

Texto 8

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Texto 9

Comenta-se, um pouco rápido demais, que a predileção que os leitores sentimos por um ou outro personagem vem da facilidade com que nos identificamos com eles. Esta formulação exige algumas pontuações: não é que nos identifiquemos com o personagem, mas sim que este nos identifica, nos aclara e define frente a nós mesmos; algo em nós se identifica com essa individualidade imaginária, algo contraditório com outras 'identificações semelhantes', algo que de outro modo apenas em sonhos haveria logrado estatuto de natureza. A paixão pela literatura é também uma maneira de reconhecer que cada um somos muitos, e que dessa raiz, oposta ao senso comum em que vivemos, brota o prazer literário.

Traduzido de SAVATER, Fernando. "Criaturas del aire". Barcelona: Ediciones Destino, 1989.

Texto 10

A pensar fundo na questão, eu diria que ler devia ser proibido.

Afinal de contas, ler faz muito mal às pessoas: acorda os homens para realidades impossíveis, tornando-os incapazes de suportar o mundo inosso e ordinário em que vivem. A leitura induz à loucura, desloca o homem do humilde lugar que lhe fora destinado no corpo social.

Não me deixam mentir os exemplos de Don Quixote e Madame Bovary. O primeiro, coitado, de tanto ler aventuras de cavalheiros que jamais existiram, meteu-se pelo mundo afora, a crer-se capaz de reformar o mundo, quilha de ossos que mal sustinha a si e ao pobre Rocinante. Quanto à pobre Emma Bovary, tomou-se esposa inútil para fofocas e bordados, perdendo-se em delírios sobre bailes e amores cortesãos.

Ler realmente não faz bem. A criança que lê pode se tornar um adulto perigoso, inconformado com os problemas do mundo, induzido a crer que tudo pode ser de outra forma. Afinal de contas, a leitura desenvolve um poder incontável. Liberta o homem excessivamente. Sem a leitura, ele morreria feliz, ignorante dos grilhões que o encerram. Sem a leitura, ainda, estaria mais afeito à realidade quotidiana, se dedicaria ao trabalho com afinco, sem procurar enriquecê-la com cabriolas da imaginação.

Sem ler, o homem jamais saberia a extensão do prazer. Não experimentaria nunca o sumo Bem de Aristóteles: o conhecer. Mas para que conhecer se, na maior parte dos casos, o que necessita é apenas executar ordens? Se o que deve, enfim, é fazer o que dele esperam e nada mais?

Ler pode provocar o inesperado. Pode fazer com que o homem crie atalhos para caminhos que devem necessariamente ser longos. Ler pode gerar a invenção. Pode estimular a imaginação

de forma a levar o ser humano além do que lhe é devido.

Além disso, os livros estimulam o sonho, a imaginação, a fantasia. Nos transportam a paraísos misteriosos, nos fazem enxergar unicórnios azuis e palácios de cristal. Nos fazem acreditar que a vida é mais do que um punhado de pó em movimento. Que há algo a descobrir. Há horizontes para além das montanhas, há estrelas por trás das nuvens. Estrelas jamais percebidas.

É preciso desconfiar desse pendor para o absurdo que nos impede de aceitar nossas realidades cruas.

Não, não dêem mais livros às escolas. Pais, não leiam para os seus filhos, podem levá-los a desenvolver esse gosto pela aventura e pela descoberta que fez do homem um animal diferente. Antes estivesse ainda a passear de quatro patas, sem noção de progresso e civilização, mas tampouco sem conhecer guerras, destruição, violência. Professores, não contem histórias, podem estimular uma curiosidade indesejável em seres que a vida destinou para a repetição e para o trabalho duro.

Ler pode ser um problema, pode gerar seres humanos conscientes demais dos seus direitos políticos, em um mundo administrado, onde ser livre não passa de uma ficção sem nenhuma verossimilhança. Seria impossível controlar e organizar a sociedade se todos os seres humanos soubessem o que desejam. Se todos se pusessem a articular bem suas demandas, a fincar sua posição no mundo, a fazer dos discursos os instrumentos de conquista de sua liberdade.

O mundo já vai por um bom caminho. Cada vez mais as pessoas lêem por razões utilitárias: para compreender formulários, contratos, bulas de remédio, projetos, manuais, etc. Observem as filas, um dos pequenos cancos da civilização contemporânea. Bastaria um livro para que todos se vissem magicamente transportados para outras dimensões, menos incômodas. E esse o tapete mágico, o pó de pirlimpimpim, a máquina do tempo. Para o homem que lê, não há fronteiras, não há cortes, prisões tampouco. O que é mais subversivo do que a leitura?

É preciso compreender que ler para se enriquecer culturalmente ou para se divertir deve ser um privilégio concedido apenas a alguns, jamais àqueles que desenvolvem trabalhos práticos ou manuais. Seja em filas, em metrô, ou no silêncio da alcova... Ler deve ser coisa rara, não para qualquer um. Afinal de contas, a leitura é um poder, e o poder é para poucos. Para obedecer, não é preciso enxergar, o silêncio é a linguagem da submissão. Para executar ordens, a palavra é inútil.

Alem disso, a leitura promove a comunicação de dores, alegrias, tantos outros sentimentos. A leitura é obscena. Expõe o íntimo, torna coletivo o individual e público, o secreto, o próprio. A

leitura ameaça os indivíduos, porque os faz identificar sua história a outras histórias. Torna-os capazes de compreender e aceitar o mundo do Outro. Sim, a leitura devia ser proibida.

Ler pode tornar o homem perigosamente humano.

Guiomar de Grammont

Texto 11

Um boi vê os homens

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm e correm de um para outro lado, sempre esquecidos de alguma coisa. Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves, até sinistros. Coitados, dir-se-ia que não escutam nem o canto do ar nem os segredos do feno, como também parecem não enxergar o que é visível e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes e no rasto da tristeza chegam à crueldade. Toda a expressão deles mora nos olhos – e perde-se a um simples baixar de cílios, a uma sombra. Nada nos pêlos, nos extremos de inconcebível fragilidade, e como neles há pouca montanha, e que secura e que reentrâncias e que impossibilidade de se organizarem em formas calmas, permanentes e necessárias. Têm, talvez, certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem perdoar a agitação incômoda e o translúcido vazio interior que os torna tão pobres e carecidos de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme (que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no campo como pedras aflitas e queimam a erva e a água, e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Reunião: 10 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.)



Vídeos

Vídeo 1

[Curtindo a vida adoidado](#)

Revisando a matéria em 8 minutos!



Competência 4? Habilidade 12? O que isso tem a ver com o Enem?

Para a resolução das questões que integram a Competência 4, Habilidade 12, faz-se necessária a compreensão da arte como saber cultural e estético significativo e integrador da organização mundial e individual do ser e o reconhecimento das diferentes funções da arte e da produção em seus meios culturais.

Competência 4

Compreender a arte como **saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.**

Habilidade 12

Reconhecer **diferentes funções da arte, do trabalho da produção dos artistas em seus meios culturais.**

⏪ Características e funções dos estilos de época

Quinhentismo

O Quinhentismo serviu de inspiração literária para alguns poetas e escritores do Romantismo e do Modernismo. Sua característica é a literatura documental, histórica, de caráter informativo.

Ex.: A Carta de Caminha.

Barroco

Inicia-se no período das invasões holandesas no Brasil e época dos bandeirantes. Ocorre a frequência das antíteses e paradoxos, fugacidade do tempo e incerteza da vida. Suas características são o rebuscamento, virtuosismo, ornamentação exagerada, jogo sutil de palavras e ideias, ousadia de metáforas e associações. Cultismo ou Gongorismo: abuso de metáforas, hipérbolos e antíteses. Obsessão pela linguagem culta, jogo de palavras. Conceptismo: jogo de ideias, pesquisa e essência íntima.

Iniciou-se com *Prosopopeia*, poema épico de Bento Teixeira e destacaram-se Gregório de Matos, Bento Teixeira e Pe. Antônio Vieira.

Arcadismo

Ocorre no período da Inconfidência Mineira, revolução Farroupilha e a vinda da Família Real para o Brasil. Dentre suas características verificamos o pastoralismo, o bucolismo, ideal de vida simples junto à natureza. O *Carpe Diem* (“aproveite o dia”). Consciência da fugacidade do tempo, simplicidade, clareza e equilíbrio. Emprego moderado de figuras de linguagem. Natureza racional (é vista como um cenário, como uma fotografia, como um pano de fundo). Por estarem, em grande maioria, vinculados aos movimentos de revolta da Conjuração Mineira, os autores utilizavam-se de pseudônimos, fingimento e artificialismo.

Iniciou-se com *Obras Poéticas*, de Cláudio Manuel da Costa e teve como destaque, além deste, Tomás Antônio Gonzaga, Basílio da Gama e Santa Rita Durão.

Romantismo

Ocorre durante o surgimento da Imprensa no Brasil, a crise do 2º Reinado e a abolição da escravidão. Há o predomínio da emoção, do sentimento (subjetivismo); evasão ou escapismo (fuga à realidade), nacionalismo, religiosidade, ilogismo (contrário à racionalidade), idealização da mulher, amor platônico, liberdade de criação e despreocupação com a forma, além do predomínio de metáforas.

Dentre as três gerações românticas destacam-se: Gonçalves Dias e José de Alencar na primeira geração (Indianista ou Nacionalista), Álvares de Azevedo na segunda (Mal-do-Século ou Ultrarromântica) e Castro Alves na terceira (Condoreira ou Hugoana).

Realismo

Literatura de combate social, crítica à burguesia, ao adultério e ao clero. Ocorre a análise psicológica dos personagens e contempla a objetividade nos temas contemporâneos.

No realismo destaca-se Machado de Assis.

Naturalismo

Desdobramento do Realismo. Os escritores deste período retratam pessoas marginalizadas pela sociedade. O Naturalismo é fruto da experiência, análise biológica e patológica das personagens e determinismo acentuado. As personagens são comparadas a animais (zoomorfismo).

Temos como exemplos deste período Aluísio Azevedo e Raul Pompéia.

Parnasianismo

Estilo especificamente poético, desenvolveu-se junto ao Realismo / Naturalismo. A maior preocupação dos poetas parnasianos é com o fazer poético. Arte pela arte. Poesia descritiva sem conteúdo, vocabulário nobre e objetividade. Os poetas parnasianos são considerados os mestres do passado e por suas manias de precisão foram criticados severamente pelos poetas da Primeira Fase Modernista.

Destacou-se Olavo Bilac (poeta representante).

Simbolismo

Ocorre a desmistificação da poesia, tendo acentuada sinestesia, musicalidade, preferência pela cor branca, sensualismo, dor e revolta.

Cruz e Souza é o nome de maior intensidade neste período.

Pré-Modernismo

Convivem juntas duas tendências: Conservadora – sobrevivência da mentalidade positivista, agnóstica e liberal e renovadora – incorporação de aspectos da realidade brasileira.

Aqui, destacam-se Euclides da Cunha, Lima Barreto, Monteiro Lobato e Graça Aranha.

Modernismo

Primeira Fase: poesia nacionalista. Espírito irreverente, polêmico e destruidor. Anarquismo, luta contra o tradicionalismo através da paródia e do humor. Liberdade de estética, versos livres sem uso de métrica e com linguagem coloquial. Segunda Fase: Destaca-se a prosa regionalista nordestina (prosa neorrealista e neonaturalista). Terceira Fase: verifica-se o academicismo, o retorno ao passado, a oposição à liberdade formal, experimentação artística, o realismo fantástico, valorização da métrica e da rima, influência do Parnasianismo e Simbolismo, inovações linguísticas e metalinguagem, regionalismo universal, temática social e humana e linguagem mais objetiva.

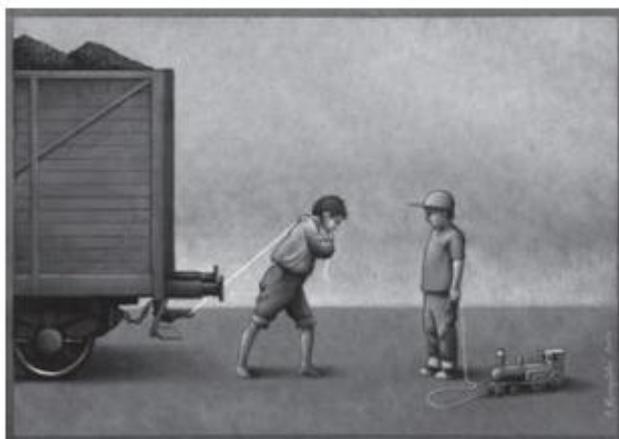
Temos como principais nomes da Primeira Fase: Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira; da Segunda, Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes e da Terceira, Guimarães Rosa e Clarice Lispector.

Exercícios



De aula

1.



KUCZYNSKIEGO, P. Ilustração, 2008.
Disponível em: <http://capu.pl>. Acesso em: 3 ago. 2012.

O artista gráfico polonês Pawla Kuczynskiego nasceu em 1976 e recebeu diversos prêmios por suas ilustrações. Nessa obra, ao abordar o trabalho infantil, Kuczynskiego usa sua arte para

- a) difundir a origem de marcantes diferenças sociais.
- b) estabelecer uma postura proativa da sociedade.
- c) provocar a reflexão sobre essa realidade.
- d) propor alternativas para solucionar esse problema.
- e) retratar como a questão é enfrentada em vários países do mundo.

2. Das irmãs

os meus irmãos sujando-se
na lama
e eis-me aqui cercada
de alvura e enxovais

eles se provocando e provando
do fogo
e eu aqui fechada
provendo a comida
eles se lambuzando e arrotando
na mesa
e eu a temperada servindo, contida

os meus irmãos jogando-se
na cama
e eis-me afiançada
por dote e marido

QUEIROZ, S. O sacro ofício. Belo Horizonte: Comunicação, 1980.

O poema de Sonia Queiroz apresenta uma voz lírica feminina que contrapõe o estilo de vida do homem ao modelo reservado à mulher. Nessa contraposição, ela conclui que

- a) a mulher deve conservar uma assepsia que a distingue de homens, que podem se jogar na lama.
- b) a palavra “fogo” é uma metáfora que remete ao ato de cozinhar, tarefa destinada às mulheres.
- c) a luta pela igualdade entre os gêneros depende da ascensão financeira e social das mulheres.
- d) a cama, como sua “alvura e enxovais”, é um símbolo da fragilidade feminina no espaço doméstico.

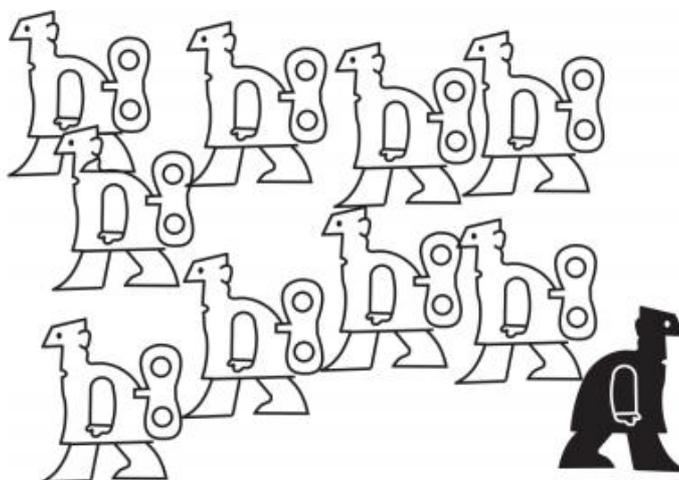
- e) os papéis sociais destinados aos gêneros produzem efeitos e graus de autorrealização desiguais.

**De casa**

1. Após estudar na Europa, Anita Malfatti retornou ao Brasil com uma mostra que abalou a cultura nacional do início do século XX. Elogiada por seus mestres na Europa, Anitta se considerava pronta para mostrar seu trabalho no Brasil, mas enfrentou as duras críticas de Monteiro Lobato. Com a intenção de criar uma arte que valorizasse a cultura brasileira, Anita Malfatti e outros artistas modernistas

- a) Buscaram libertar a arte brasileira das normas acadêmicas europeias, valorizando as cores, a originalidade e os temas nacionais.
- b) Defenderam a liberdade limitada de uso da cor, até então utilizada de forma irrestrita, afetando a criação artística nacional.
- c) Representaram a ideia de que a arte deveria copiar fielmente a natureza, tendo como finalidade a prática educativa.
- d) Mantiveram de forma fiel a realidade nas figuras retratadas, defendendo uma liberdade artística ligada à tradição acadêmica.
- e) Buscaram a liberdade na composição de suas figuras, respeitando limites de temas abordados.

2.



CAULOS. Disponível em: www.caulos.com. Acesso em 24 set. 2011.

O cartum faz uma crítica social. A figura destaca está em oposição às outras e representa a

- a) A opressão das minorias sociais.
- b) Carência de recursos tecnológicos.
- c) Falta de liberdade de expressão.
- d) Defesa da qualificação profissional.
- e) Reação ao controle do pensamento coletivo.

3. Mesmo tendo a trajetória do movimento interrompida com a prisão de seus dois líderes, o tropicalismo não deixou de cumprir seu papel de vanguarda na música popular brasileira. A partir da década de 70 do século passado, em lugar do produto musical de exportação de nível internacional prometido pelos baianos com a “retomada da linha evolutória”, instituiu-se nos meios de comunicação e na indústria do lazer uma nova era musical.

TINHORÃO, J. R. *Pequena história da música popular: da modinha ao tropicalismo*. São Paulo: Art, 1986 (adaptado).

A nova era musical mencionada no texto evidencia um gênero que incorporou a cultura de massa e se adequou à realidade brasileira. Esse gênero está representado pela obra cujo trecho da letra é:

- a) A estrela d’alva / No céu desponta / E a lua anda tonta / Com tamanho esplendor. (*As pastorinhas*, Noel Rosa e João de Barro)
- b) Hoje / Eu quero a rosa mais linda que houver / Quero a primeira estrela que vier / Para enfeitar a noite do meu bem. (*A noite do meu bem*, Dolores Duran)
- c) No rancho fundo / Bem pra lá do fim do mundo / Onde a dor e a saudade / Contam coisas da cidade. (*No rancho fundo*, Ary Barroso e Lamartine Babo)
- d) Baby Baby / Não adianta chamar / Quando alguém está perdido / Procurando se encontrar. (*Ovelha negra*, Rita Lee)
- e) Pois há menos peixinho a nadar no mar / Do que os beijinhos que eu darei / Na sua boca. (*Chega de saudade*, Tom Jobim e Vinícius de Moraes)

4.



Capa do LP *Os Mutantes*, 1968. Disponível em: <http://mutantes.com>.

A capa do LP *Os Mutantes*, de 1968, ilustra o movimento da contracultura. O desafio à tradição nessa criação musical é caracterizado por

- a) Letras e melodias com características amargas e depressivas.
- a) Arranjos baseados em ritmos e melodias nordestinos.
- b) Sonoridades experimentais e confluência de elementos populares e eruditos.
- c) Temas que refletem situações domésticas ligadas à tradição popular.
- d) Ritmos contidos e reservados em oposição aos modelos estrangeiros.

5. Yaô

Aqui có no terreiro
Pelú adié
Faz inveja pra gente
Que não tem mulher

No jacutá de preto velho
Há uma festa de yaô

Ôi tem nêga de Ogum
De Oxalá, de Iemanjá

Mucama de Oxossi é caçador
Ora viva Nanã
Nanã Buruku

Yô yôo
Yô yôo
No terreiro de preto velho iaiá
Vamos sarava (a quem meu pai?)
Xangô!

VIANA, G. Agó, *Pixinguinha! 100 anos. Som Livre, 1997.*

A canção *Yaô* foi composta na década de 1930 por Pixinguinha, em parceria com Gastão Viana, que escreveu a letra. O texto mistura o português com o ioruba, língua usada por africanos escravizados trazidos para o Brasil.

Ao fazer uso do ioruba nessa composição, o autor

-
- a) Promove uma crítica bem-humorada às religiões afro-brasileiras, destacando diversos orixás.
 - b) Ressalta uma mostra da marca da cultura africana, que se mantém viva na produção musical brasileira.
 - c) Evidencia a superioridade da cultura africana e seu caráter de resistência à dominação do branco.
 - d) Deixa à mostra a separação racial e cultural que caracteriza a constituição do povo brasileiro.
 - e) Expressa os rituais africanos com maior autenticidade, respeitando as referências originais.

Gabarito



De aula

1. C

2. E



De casa

1. A

Os artistas modernistas, principalmente em sua primeira geração, buscavam libertar as artes do academicismo europeu e criar uma expressão artística que valorizasse a cultura brasileira.

2. E

No cartum de Caulos, a maioria dos homens é caracterizada como bonecos de corda que se movimentam mecanicamente na mesma direção, exceto um deles que, sem a corda nas costas, toma seu próprio caminho.

3. D

A letra *Ovelha Negra*, de autoria de Rita Lee, integra a nova era musical, o Tropicalismo, que incorporou diversas linguagens às canções populares. Rita Lee fez parte de *Os Mutantes*, trio importante do Tropicalismo.

4. C

A simples reprodução da capa do LP em questão não é suficiente para que se chegue à resposta deste teste. Para isto, necessita-se de conhecimento do conteúdo do disco – algo que não se pode exigir dos estudantes, a menos que tal exigência fosse previamente explicitada.

5. B

A letra da canção não só apresenta termos em ioruba como também reproduz elementos do contexto religioso em que se baseiam as crenças de origem africana, como “preto velho”, “Ogum”, “Iemanjá”, “Oxossi”, dentre outros, que figuram no espaço do “terreiro”.

Continue estudando

[Estilos de época I – do Quinhentismo ao Romantismo](#)

[Quinhentismo](#)

[Exercícios Quinhentismo](#)

[Barroco](#)

[Aula ao vivo: Arcadismo e barroco](#)

[Exercícios de barroco](#)

[Barroco: Padre Antônio Vieira](#)

[Barroco: a poesia de Gregório de Matos](#)

[Século XVII e o Arcadismo](#)

[Arcadismo](#)

[Arcadismo em Portugal](#)

[Arcadismo no Brasil](#)

[Arcadismo: contexto histórico e características gerais](#)

[Exercícios sobre Arcadismo](#)

[O Romantismo em Portugal](#)

[Romantismo: Poesia \(1ª geração\)](#)

[Romantismo: Poesia \(2ª geração\)](#)

[Romantismo: Poesia \(3ª geração\)](#)

[Romantismo: Prosa](#)

[O Naturalismo e o Realismo no Brasil](#)

[Realismo em Portugal](#)

[Realismo e Naturalismo](#)

[Exercícios Realismo/Naturalismo](#)

[O Naturalismo e o Realismo no Brasil](#)

[Naturalismo](#)

[Parnasianismo](#)

[Exercícios de Parnasianismo](#)

[Exercícios de Simbolismo](#)

[Simbolismo em Portugal](#)

[O Pré modernismo no Brasil](#)

[Pré-Modernismo](#)

[Aula ao vivo: Modernismo – 1ª geração](#)

[Aula ao vivo: Modernismo – 2ª geração](#)

[Aula ao vivo: Modernismo – 3ª geração](#)